

# CORRENTES MODERNAS DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Iziane Silvestre Nobre<sup>1</sup>  
Jobabe Lira Lopes Leite de Souza<sup>2</sup>

Este artigo tem o objetivo de discorrer sobre as principais correntes modernas da filosofia e da ciência, mais precisamente o marxismo, o pós-modernismo e a filosofia neoliberal. Para isso, utilizamos algumas obras cujo intuito consistiu em investigar as miscelâneas do pós-modernismo no tocante aos conceitos pós-verdade, a anti-totalidade, pós-classismo que invariavelmente retira o ideal de transformação e superação da sociedade, promovendo debates que destacam a opressão pela cor, etnia, nacionalidade e questões de gênero, suprimindo as discussões que ressaltam o caráter de classe de todas essas opressões. Nesse sentido, se a prática é o critério da verdade, a contribuição teórico-prática do pós-modernismo é na promoção da fragmentação da classe, retirando o horizonte da transformação da classe trabalhadora.

**Palavras chaves:** Pós-modernidade, ciência moderna, filosofia liberal.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the main modern currents of philosophy and science, more precisely Marxism, postmodernism and neoliberal philosophy. To this end, we used some works whose purpose was to investigate the hodgepodge of postmodernism with regard to post-truth concepts, anti-totality, post-classism that invariably removes the ideal of transformation and overcoming society, promoting debates that highlight the oppression by color, ethnicity, nationality and gender issues, suppressing the discussions that highlight the class character of all these oppressions. In this sense, if practice is the criterion of truth, the theoretical-practical contribution of postmodernism is in promoting class fragmentation, removing the horizon for the transformation of the working class.

**Keywords:** postmodernity, modern Science, liberal philosophy

## 1 INTRODUÇÃO

*“As observações de fenômenos que ocorrem naturalmente deve ser verificado por meio de experimentos conduzidos de acordo com um plano bem formulado um entendimento profundo do segredo de tais relações”<sup>3</sup>*

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu. Doutora em Educação. Email: Iziane.silvestre@ifce.edu.br.

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal do Ceará – Campus Iguatu. Mestre em Sistemas Ambientais e da Terra e geógrafo formado pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Email: jobabe.leite@ifce.edu.br

<sup>3</sup> Citação extraída do livro “O que fazer?” de autoria do Nikolai Tchernychevskii, livro produzido no final do século XIX, responsável por inspirar a obra “o que fazer?” de Lenin em 1905.

Este artigo tem o objetivo de dialogar sobre as abordagens científicas contemporâneas, partindo de uma perspectiva histórica, filosófica e sociológica, sobre os discursos vigentes acerca da crise do paradigma da ciência. Para tanto, tomaremos como ponto de partida o livro do filósofo português Boaventura de Sousa Santos (2008) “Crise do paradigma da ciência”. Nele, o autor pontua seu conceito de crise, estando atravessado diretamente pelas correntes pós-modernas<sup>4</sup> que pregam o fim da dicotomia entre conhecimento científico e conhecimento do senso comum. Ao passo que reconhece a dialeticidade entre o particular e o universal, simplifica o fazer científico quando parte da premissa da fusão entre as ciências naturais e as ciências sociais.

O filósofo português, ao fazer críticas as premissas que fundamentam a modernidade, recai em alguns equívocos, cujo desdobramento na práxis social é a profusão de conhecimentos superficiais, vazios e, por vezes, caminha para o irracionalismo, enquanto corrente filosófica. O irracionalismo surge como uma tendência da contemporaneidade cujo fundamento se explicam pela difusão das teorias conspiratórias, relacionadas com a disseminação das redes sociais e uma modificação no processo de produção do conhecimento. Nesse sentido, este artigo possui o objetivo de dialogar com as correntes contemporâneas a fim de extraímos reflexões que possam contribuir com a resolução de alguns problemas filosóficos sobre a suposta crise do paradigma da ciência.

A fim de atendermos aos objetivos propostos, faremos uma imersão teórica sobre as discussões que permeiam a crise do paradigma da ciência, a conceituação das teorias pós-modernas, a validação do materialismo histórico-dialético enquanto método científico na análise da realidade e os desdobramentos da pós verdade na materialidade, cuja ausência de um marco regulatório das redes sociais<sup>5</sup>, bem como a ausência de divulgação das agências de checagens de notícias falsas<sup>6</sup>, corroboram para a difusão de

---

<sup>4</sup>Santos (2008) denomina sua posição como “pós-modernismo de oposição”. Tal designação, segundo o sociólogo português, tem como objetivo destacar o compromisso de tal abordagem com a emancipação social. Isso porque, ainda de acordo com Santos (2008), há uma concepção hegemônica pós-moderna que se caracteriza pelo total abandono da própria ideia de emancipação social. Santos (2008) denomina esta concepção dominante de “pós-modernismo celebratório”.

<sup>5</sup> Existe a Lei do Marco Civil na Internet, a lei 12.965/2014, promulgada em 23 de abril de 2014, que estabelece, dentre outras coisas, o direito pela liberdade de expressão, no entanto, este marco regulatório não prevê punições concernentes a divulgação de fakenews, tampouco disserta sobre a punição da veiculação de publicações homofóbicas, machistas e racistas, bem como a divulgação de símbolos supremacistas.

<sup>6</sup> Atualmente temos algumas empresas ligadas ao campo das tecnologias sociais que atuam verificando a veracidade de alguns conteúdos da internet. Entre elas, citamos as mais conhecidas: Lupa, Fato ou Fake, Aos fatos, E-Farsas, Painel do CNJ, Boatos.org. Publicado em: <https://inovasocial.com.br/tecnologias-sociais/fake-news-agencias-de-checagem>. Acesso em: 23/05/21.

teorias conspiratórias irracionalistas, não possuindo, portanto, ancoragem nos fatos sociais.

Nosso ponto de partida para a análise do proposto, segue a direção de discutirmos a crise do paradigma da ciência, atentando-nos especialmente para a tese que defende o fim da dicotomia entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, para posteriormente, discorrermos sobre a pós-modernidade e a análise do real a partir da disseminação das variadas notícias propagadas pelas redes sociais, nas quais demonstram um descompromisso com a verdade. O descompromisso com a verdade contribui para um amplo movimento cultural fundado em teorias conspiratórias dados, dentre outras coisas, pela ausência de um marco regulatório das redes sociais e, conforme já pontuamos, da divulgação das agências de checagem das notícias falsas.

## **2 CRISE NO PARADIGMA DA CIÊNCIA**

Boaventura de Sousa Santos (2008), importante cientista político português, autor de inúmeras obras publicadas nos mais diversos idiomas em diferentes países do mundo, escreve, em 1985, acerca de uma modificação profunda no campo das ciências sociais, contribuindo, por sua vez, para uma crise de paradigma das ciências. Segundo o autor, as modificações no âmbito da ciência estavam produzindo modificações significativas no fazer científico. Para ele, estas modificações derrubavam os principais pressupostos da ciência moderna, especialmente, no tocante a desconfiança da ciência moderna quanto a nossa própria experiência imediata.

A quebra desse princípio basilar da ciência moderna altera nossa experiência com o mundo sensível à medida que a racionalidade deixa de dar a tônica do fazer científico e abre espaço para as narrativas, havendo, portanto, nesse “novo modo de fazer ciência” lugar para as experiências transcendentais, algo que a ciência moderna condenava veementemente devido a interferência dos valores humanos e religiosos. Outro aspecto que podemos verificar é o fato de que, dentro da ciência moderna, há o princípio da racionalidade do real e o princípio da verificação dos fatos, cuja ausência desses princípios basilares podem levar para a proliferação de tendências e correntes que não passam pelo crivo da racionalidade científica.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> De forma a esclarecer acerca da ciência moderna, cabe ressaltar que Descartes (2011) não nega a relação com o transcendente, porém, ratificamos que ele primava pela de buscar pela evidência, guiando-se pela

Deste modo, constatamos que, a quebra do princípio da racionalidade acarreta em um crescimento dos estudos antropológicos ligados ao místico, havendo, para isso, linhas específicas para analisar as experiências transcendentais nas mais diversas áreas da ciência.

À respeito do conhecimento popular, ele passa a ter um espaço considerável dentro das discussões acadêmicas, o que, se por um lado assinala uma tentativa de aproximação da ciência moderna com o povo, ajudando a quebrar o princípio da intelectualidade acadêmica, como se fossem os únicos detentores do conhecimento. Por outro lado, contribui para uma experiência de vulgarização do conhecimento científico, ajudando a fomentar as pseudociências culminando na astrologia e no terraplanismo.

A suposta crise de um paradigma da ciência não modifica apenas o fazer científico em si, mas modifica nossa relação com a ciência à medida que tudo o que conhecemos passa a ser descredenciado, desvalidado e passa a ter uma valorização equivalente do conhecimento do senso comum em detrimento do conhecimento científico.

Santos (2008) contribui com esta crise de paradigma à medida que corrobora com a narrativa de que todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Contudo, o avanço tecnológico demonstra que não necessariamente o avanço técnico e tecnológico das ciências produzirá a difusão do conhecimento científico, mas, às vezes, produz a vulgarização do conhecimento científico à medida em que coloca-se numa relação de igualdade os diversos tipos de conhecimento. Esta vulgarização do conhecimento científico é por vezes perigosa à medida que forças políticas aproveitam-se dela para disseminar mentiras que causam um impacto social à medida que influencia a opinião pública até pela ausência de um marco regulatório para as redes sociais.

Arroyo (2013 p. 129) contribui com essa discussão ao assinalar que: “[...] Com efeito, no interior das redes sociais somos absorvidos completamente pela *lógica da parcialidade* que tende a anular uma compreensão mais totalizante da realidade social através do ocultamento das múltiplas determinações do real”, ignorando os fundamentos do materialismo histórico-dialético ao negar a totalidade dos processos sociais e a relação dialética entre o particular e o universal.

---

razão, a fim de não apenas conhecer a alma humana mais os desígnios de Deus. Neste sentido, seria falso afirmar que a ciência moderna não leva em consideração o transcendente.

Na pós-verdade, pouco importa ter a comprovação do fato em si, o que importa é aquilo que os indivíduos pensam. A pós-verdade não acarreta apenas na perda da validação da ciência, mas incita uma quantidade significativa de pessoas que passam a compartilhar e a acreditar em mentiras como verdades absolutas, constituindo-se como erros danosos para a democracia.

Parece um paradoxo pensar na era da informação como a era a desinformação, uma vez que o desafio que se coloca dentro da contemporaneidade é reafirmar a ciência enquanto um conhecimento apreendido por meio de uma metodologia que tem como finalidade a comprovação de algo, seguindo, por sua vez, o crivo da racionalidade, porque, ao passo que há uma disseminação da informação, não há um marco regulatório e a divulgação das agências de checagens de notícias a fim de verificar o que está sendo anunciado, cedendo espaço, portanto, para as teorias conspiratórias descompromissada com a verdade de um fato.

Parece contraditório pensar que não necessariamente o desenvolvimento científico possibilitou a aproximação da grande massa dos espaços acadêmicos de poder, facilitando, desta maneira, a proliferação de tendências científicas que mais se assemelham as pseudociências, pois além de não estarem referendadas pela racionalidade, apoiam-se em tendências místicas que mais contribuem para o processo de mistificação do real. A contradição aparece porque ao passo que a pós modernidade serve para dar voz aos mais diferentes sujeitos negados por sua cor, sexualidade, gênero e quaisquer outras diferenciações que existam, ao passo que ela questiona a universidade enquanto espaço de produção do conhecimento, não está avançando para diminuir a distância entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento filosófico, nesse sentido, em tempos que prevalece o negacionismo da ciência, cabe validarmos as correntes ou tendências que primam pela defesa da racionalidade, do materialismo histórico dialético enquanto corrente filosófica que não apenas se ocupa de interpretar o mundo, mas acompanha o movimento real a fim de elaborar proposições que caminhem para a transformação, de fato, do real.

Conforme já mencionamos, Santos (2008), em livro publicado sobre a crise de paradigma da ciência, parte de algumas ideias centrais: primeiro, o fim da distinção entre as ciências naturais e ciências sociais. Nesta possível fusão, os fenômenos naturais estão sendo estudados como se fossem fenômenos sociais, logo a superação da dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais tende, na visão do autor, a revalorizar os estudos humanísticos. Para o autor, a progressiva fusão das

ciências naturais e sociais questiona o lugar da ciência, pois coloca o sujeito no centro do conhecimento. Desta maneira, as modificações que estão ocorrendo no campo da ciência, corrobora com sua tese da crise do paradigma da ciência, intitulado-o como crise do paradigma emergente. O autor encontra na industrialização da ciência, o cerne do compromisso que esta teve historicamente com os centros de poder econômico, social e político, logo, o pensamento científico é construído mediante um lugar cuja hegemonia pertence àqueles que possuem os instrumentos materiais e intelectuais do domínio técnico-científico. Contudo, o autor continua sua exposição, lembrando que devido a expansão dos centros científicos e tecnológicos, a maioria dos cientistas foi submetido a um processo de proletarização no interior dos laboratórios e centros de investigação.

A expansão dos centros científicos e tecnológicos associado a proletarização no interior da ciência constroem outras narrativas que fogem do lócus sociais científico hegemônicos, possibilitando assim a escuta de outros atores sociais. Nesse sentido, a história oral, enquanto abordagem científica, possibilita esta escuta, dando legitimidade de fala a outros atores sociais que eram renegados pela história dominante (XAVIER, 2018).

Santos (2008) é categórico na afirmação de algumas teses que<sup>8</sup>:

- “Todo conhecimento científico-natural é científico-social”;
- “Todo conhecimento é local e total”;
- “Todo conhecimento é autoconhecimento”;
- “Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”.

Estas teses atestam as modificações que se deram no âmbito da ciência, constituindo-se assim, a crise do paradigma dominante. Sua primeira tese refere-se ao postulado que “todo conhecimento científico-natural é científico-social. Esta tese do autor está balizada pelo princípio de que quanto mais há o progresso do desenvolvimento científico, maior será a possibilidade de diminuir a distância entre ciências naturais e ciências sociais. Contudo, o autor aponta que para esta mudança ocorrer de fato, será necessário uma transformação no âmbito dos estudos de humanidades, ocorrendo, por conseguinte, uma revalorização dos estudos humanísticos, dando prioridade a compreensão do mundo mais do que a sua manipulação.

---

<sup>8</sup> Cada uma dessas teses de Santos (2008) configura-se um capítulo do seu livro “Um discurso sobre as ciências”, argumentando aspectos que validam suas teses em cada um desses tópicos.

O autor defende o fim da dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais dentro de um contexto em que houve uma abertura para o processo democrático. O mundo estava saindo, como diria Hobsbawm (2003), da era dos extremos, tendo acumulado, portanto, bagagem político-cultural suficiente para crer que a sociedade não poderia caminhar de novo pelas extremidades. Sua tese está inscrita em um período em que houve uma modificação no campo das ciências sociais à medida que passa a ser reconhecido e valorizado o conhecimento popular.

A defesa desta premissa seria um caminho natural se a sociedade não estivesse marcada pelos antagonismos de classes. Este antagonismo de classes que se ancora no modo de produção capitalista não permite que o desenvolvimento avance a ponto de que estes dois polos deixem de existir, pois esta permissão concederia aos filhos da classe trabalhadora um conhecimento completo. Esta premissa ignora que a economia continua sendo o elemento que define a correlação de forças no interior da moderna sociedade capitalista. Com efeito, à depender da correlação de forças, pode apontar para um caminho de proteção ambiental como pode também apontar para a exaustão dos recursos. Embora seja verdade que a ciência da natureza passou a imprimir um aspecto humanístico-social aos seus estudos, também é verdade que dentro de uma sociedade polarizada politicamente, esta polarização reflete no campo da ciência, uma vez que, este avanço ignora as contradições do próprio progresso científico.

A segunda tese do autor aponta que “todo conhecimento é total e local”. Esta afirmação coincide com os postulados da dialética à medida que o método marxiano articula a particularidade com a universalidade, constituindo, pois, por isso, numa nova síntese social. A terceira tese do autor caminha na direção de considerar que “todo conhecimento é autoconhecimento”. Não necessariamente o conhecimento da totalidade, das diversas determinações sociais necessariamente será autoconhecimento. A partir de uma leitura da teoria do conhecimento, podemos considerar que a apreensão do conhecimento está relacionado as vivências sócio-históricas produzidas pelos indivíduos por meio do seu habitat social, contudo, não necessariamente o conhecimento se transformará em autoconhecimento, pois dentro do autoconhecimento, devido a ausência do nexos de ligação entre local e total, nem sempre o conhecimento total refletirá, em sua inteireza, com as vivências individuais.

A quarta tese atesta que “todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”. Este aqui é um ledô engano, uma vez que as próprias contradições do progresso científico-tecnológico não necessariamente significará a disseminação do

conhecimento, uma vez que o próprio processo educacional refletirá as contradições do próprio sistema capitalista. Se formos avaliar a sociedade, nós alteramos a forma que nos relacionamos com o processo do conhecimento. A produção do conhecimento e as alterações que verificamos na realidade estão relacionadas diretamente com a realidade material, especialmente após o advento das redes sociais, alterando consideravelmente a maneira que nos relacionamos com a produção cultural e científica.

### **3 AS MISCELÂNEAS DO PÓS-MODERNISMO**

A fim de compreendermos as miscelâneas do pós-modernismo, primeiramente cabe pontuarmos o que significa pós-modernismo, enquanto corrente filosófica. De acordo com a concepção de Terry Eagleton (1996 p. 03):

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadoras gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades.

A amplitude do conceito, seguindo a conceituação dada por Terry Eagleton (1996), revelam a complexidade desta corrente filosófica, enquanto uma tendência que se opõe radicalmente as questões de uma verdade única, objetividade e a ideia de emancipação universal, gerando, por sua vez, controvérsias com os pressupostos da ciência moderna, buscando sua validação sob o axioma de que existe várias verdades.<sup>9</sup>

A crítica pós-moderna da ciência moderna baseia-se pela ausência de verdade única, o que dá origem diversas concepções de verdade. Suas premissas estão associadas as concepções de identidade, representação e afins. A pós-modernidade, consonante ao Terry Eagleton (1996), marcará o chamado discurso pós-colonial que trouxe novidades no tocante a política de identidade, porém evita questões que se debruçam sobre a exploração econômica. Nesse sentido, a pós-modernidade, até por basear-se na crítica aos ideais da emancipação humana, reflete na forma que os indivíduos se organizam na sociedade que deixam de se apoiarem em categorias sociais e passam a se acomodar através das subcategorias, legitimadas pelo sexo, gênero ou cor.

---

<sup>9</sup> As críticas pós-modernas ao marxismo se dá especialmente pela categoria da totalidade. No entanto, esquecem-se que, de acordo com o método marxiano, a totalidade é composta por várias partes (MARX, 2008). Portanto, o método marxiano não nega as especificidades antes procura analisar dialeticamente o particular e o universal.



Estas subcategorias, dissociadas da categoria social, não corroboram para o processo de emancipação humana a partir da classe dos *de baixo*, antes, suas conquistas ficam no âmbito do liberalismo tradicional, pois, conforme o autor, uma política baseada apenas na diferença se mostrará incapaz de ir muito além do liberalismo tradicional.

É importante pontuarmos que quando falamos de subcategorias não estamos querendo classificar como categorias inferiorizadas. O termo é para apenas elencar que as questões sociais ultrapassam as esferas biológicas e culturais, até porque, a organização apenas por sexo ou por raça, não garantem transformações que vão para além da esfera burguesa. São significativas à medida que promove um fortalecimento das pautas raciais e/ ou feministas até pelas demandas específicas de determinados grupos sociais, no entanto, elas não podem perder a conexão com o conjunto da totalidade social.

A perda da conexão com o social não possibilita um processo de transformação social, no máximo, transformam-se em conquistas sociais como direitos, podendo vir a ser questionadas à depender das políticas governamentais. Dentro de um governo totalitário ou com tendências nazi-fascistas, tais pautas podem não ter o reconhecimento devido, acompanhado de inúmeros retrocessos com a adoção de medidas que caminham na contramão dos anseios dos grupos organizados, dando margem, inclusive, para o surgimento desses governos.

Terry Eagleton (1996) apresenta a proximidade filosófica das correntes pós-modernas com as correntes liberais, uma vez que ambas não anseiam um processo de transformação social mais amplo. Embora as conquistas no âmbito do Estado liberal sejam importantes para o reconhecimento das pautas, porém, a desconexão com o social camufla o problema das desigualdades sociais, retirando a centralidade da esfera econômica e transferindo para a esfera política, esquecendo que ambas as esferas estão interligadas e dialogam dialeticamente dentro do sistema capitalista na possibilidade da emancipação humana.

Outra problemática apontada pelo autor, diz respeito ao sacrifício da noção de verdade, desabilitando princípios bastante úteis para uma coesão social (EAGLETON, 1996). Ao negar a verdade, o pós-modernismo pode vir a fundamentar concepções próprias da racionalidade, daí surge uma crise no campo da filosofia e da ciência acerca do que seja verdade, fortalecendo, por conseguinte, discursos fundamentalistas. A existência de uma verdade ajuda a manter uma certa coesão social. A ausência disto pode recair para o irracionalismo, trazendo consequências, inclusive,

para a democracia burguesa pelo fato de que se não existe uma verdade, um certo ou errado, pode favorecer práticas/ condutas que conduzem para o fundamentalismo religioso.

Um reflexo das miscelâneas do pós-modernismo estão inclusas no debate sobre os efeitos das redes sociais para as democracias, assinalando que os hábitos intelectuais estão sendo embaralhados pelas empresas hegemônicas. Franklin Foer (2018) destaca que as empresas, por acumularem nossos dados, constroem um retrato da nossa mente que usam para guiar o comportamento das massas. Elas filtram o que vamos ler, assistir, de acordo com o perfil que estas empresas possuem baseado naquilo que costumamos curtir e comentar, funcionando, portanto, como uma espécie de jornal personalizado (FOER, 2018).

As críticas do escritor estadunidense partem da premissa que os novos monopólios do conhecimento não produzem conhecimento, apenas filtram e organizam o que há disponível. Ele acusa o google e o facebook de estarem organizado toda a produção do conhecimento. A análise do autor ultrapassa a questão do uso das redes sociais, avançando para a discussão da criação dos novos monopólios do conhecimento, cuja prioridade não é a publicação de livros e artigos que passa por um crivo científico, mas apenas pela filtragem da informação, defendendo ainda a necessidade de haver um marco regulatório das redes sociais.

As críticas de Franklin Foer (2018 p. 115) atingem, inclusive, a Amazon, salientando que:

Os monopolizadores do conhecimento não são iguais a qualquer outro negócio. Escritores, meios de comunicação, editores de livros, todos dependem dessas empresas para sua sobrevivência financeira. Logo, essas empresas têm a capacidade ímpar de inibir as críticas que lhe são feitas. Não precisam levantar um dedo sequer para afastar os detratores. Por conta do tamanho que têm, e como dominam grande parte do mercado para a disseminação de ideias, criticá-las costuma ser um tiro no pé.

Partindo disto, podemos avaliar que a crise regressivo-destrutiva do capital e as transformações dela decorrente, altera a relação que estabelecemos com a concorrência e conseqüentemente com o processo de produção do conhecimento. Estamos voltando para os grandes monopólios e, por conta desse regresso, atinge a democracia burguesa uma vez que a democracia dentro do sistema capitalista é funcional ao Estado burguês.

O autor estadunidense, embora faça críticas bastante precisas sobre a funcionalidade das redes sociais dentro do sistema capitalista e de como as empresas lucram com os nossos dados, à medida que eles são vendidos para as outras empresas

oferecerem seus produtos. Por outro lado, até por partir de uma perspectiva liberal, possui algumas problemáticas relacionadas ao fato de tratarem o problema das redes sociais separadas do conjunto da totalidade social.

O autor coloca como um problema de uma crise do jornalismo e não um problema da própria democracia burguesa. Ao responsabilizar a suposta crise do capitalismo, deixa de analisar o sistema por meio dos seus ciclos políticos. As redes sociais estão demonstrando um problema da sociedade de controle, deixando sob a responsabilidade das empresas todos os nossos dados. Esses dados servem para as empresas montarem um perfil psicológico de forma a nos vendermos para as empresas nossas preferências, desejos, dentre outras coisas.

O autor demonstra ainda certa ingenuidade quanto a natureza do Estado burguês. O Estado burguês, desde a sua essência, apresenta um fim mercadológico. Portanto, o Estado não está para servir ao povo e sim para servir ao mercado, além de que, apesar de propor uma política governamental de regulação das redes sociais, aponta para as soluções individuais, pregando o momento de reconexão da leitura impressa, desviando-se da grande quantidade do fluxo comunicacional.

A ausência de uma reflexão sob a égide do materialismo histórico-dialético não contribui para uma análise profunda das transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho e de como isso afeta a psicologia das massas, tanto que as soluções apontadas ficam apenas no âmbito da superfície dos problemas e não dialoga com aquilo que aparenta ser central: a crise regressivo-destrutiva do capital altera a forma que nos relacionamos com a mercadoria, bem como impacta a construção da nossa subjetividade, cuja política do consenso pregada pelas redes sociais, ao passo que promove uma interatividade entre pessoas que comungam dos mesmos interesses, “nos protege da discordância construtiva que é capaz de mudar nossa cabeça ou nos ajudar a entender melhor o ponto de vista dos outros indivíduos” (FOER, 2018, p. 163). Nisso, podemos apontar um impacto, do ponto de vista pedagógico, à medida que a maneira que encontramos para nos livrarmos do debate é por meio do bloqueio e cancelamento virtual e o boicote.

A falsa política do consenso não elimina o conflito, tampouco é capaz de construir redes verdadeiramente significativas, pelo contrário, a política construída pelas redes sociais só reforça a construção de guetos, constituindo-se, portanto, numa ameaça à própria democracia burguesa no sentido de que o debate político é exterminado e

quando alimentado não se dá na forma da elevação da consciência revolucionária, mas no retorno às práticas autoritárias do poder político e econômico.

As miscelâneas construídas em torno do pós-modernismo retira o ideal da emancipação humana e substitui por alternativas que apenas reforçam a estrutura exploratória do sistema capitalista. Isso porque o “bom combate” pós-moderno acaba se efetivando fundamentalmente a partir das “contradições entre pessoas” (HAIDER, 2019) elidindo acriticamente as *contradições de classe* fundamentadas no antagonismo estabelecido estruturalmente entre capital e trabalho.

#### **4 O PÓS-MODERNISMO E A INTERFERÊNCIA DO ESTADO BURGUÊS NAS PAUTAS DOS MOVIMENTOS PROGRESSISTAS**

Conforme já apontamos, um dos grandes problemas do pós-modernismo é o fato de que suas premissas não apontam para a perspectiva da emancipação humana. As transformações ocorridas no Estado, seja na pauta de gênero, seja nas pautas étnico-raciais permanecem dentro da estrutura do Estado burguês, não significando, portanto, ser capaz de modificar a essência da exploração do Estado capitalista sobre as mulheres, negros e indígenas.

Terry Eagleton (1996), em seu livro sobre as ilusões do pós-modernismo, aponta a confluência existente entre as correntes pós-modernas e o liberalismo econômico à medida em que ambos controlam a vida social das pessoas, impedindo que novas formas coletivistas da existência se disseminem. Nesse aspecto, o pós-modernismo acaba sendo uma teoria que, em tese, fortalece o liberalismo enquanto sistema econômico, primeiro porque não aborda os problemas em sua totalidade social, defendendo, por sua vez, o caráter da antitotalidade e, segundo, não questiona a exploração econômica. Por essa razão, o pós-modernismo é funcional ao liberalismo porque a luta baseada apenas na diferença se mostra incapaz de ir além do Estado burguês. Desta forma, segundo o autor, o pós-modernismo repete os erros do idealismo filosófico por não ter uma proposta de superação da sociedade.

Além do caráter da anti-totalidade, o debate permanece no âmbito das identidades, como se o fortalecimento da identidade fosse o suficiente para pôr fim a exploração das mulheres, negros e índios dentro do sistema capitalista. Ao negar a proposta da emancipação humana, fragmenta a possibilidade de uma práxis político-educativa mais ampla à medida que servem como instrumentos de silenciamento, da

negação das práticas coletivistas, sem, contudo, conseguir agregar homens e mulheres, negros e brancos em defesa de uma sociedade mais equânime. É sintomático que tal perspectiva focada na absolutização da individualidade venha ganhando destaque num contexto de crise estrutural do capital que tende a nivelar radicalmente por baixo as condições materiais de existência dos “*de baixo*”. Dentro dessas problemáticas, no Brasil, a Rede Globo tornou-se uma grande defensora da diversidade, quando historicamente sua pauta se mostrava atrelada aos interesses do grande capital.

O racismo e o machismo, enquanto estruturas ideológicas de reforço das injustiças sociais contra negros, indígenas e mulheres não serão dissipadas se elas não forem acompanhadas de uma práxis político-organizativa revolucionária. Desta maneira, as transformações que ocorrem no âmbito do capitalismo, muitas vezes aprofunda a desigualdade social, racial e de gênero, quando esses sujeitos continuam ocupando os postos de trabalho precarizados, distanciados de uma ótica que priorize a necessidade da emancipação humana.

Almeida (2019 p. 13), ao prefaciando o livro “Armadilhas da identidade”, aponta que:

A política identitária sem um horizonte de transformação do próprio maquinário social que produz as identidades sociais gera uma camisa de força que faz com que o sujeito negro, mulher, LGBT possa ser, no máximo, uma versão melhorada e menos sofrida daquilo que o mundo historicamente lhe reserva.

Adiante, o autor brasileiro reflete que:

A eficiência da armadilha identitária está no seu duplo funcionamento, que serve tanto à direita quanto à esquerda antirrevolucionária. Em relação à direita, o uso da política identitária e da insistência subjetivista é algo tradicional e faz parte do individualismo metodológico que é a marca do liberalismo e do neoliberalismo (ALMEIDA, 2019, p. 13).

A partir das constatações de Silvio Almeida (2019), podemos perceber a confluência existente entre o pensamento pós-moderno e a filosofia do Estado liberal burguês à medida que o horizonte da emancipação humana está excluído de grande parte dos pensadores pós-modernos. Outro aspecto que podemos ressaltar é o fato de que a filosofia pós-moderna é funcional ao sistema capitalista na propagação de um individualismo que apenas reforça o processo de desorganização da classe, fazendo com que o indivíduo se reconheça em categorias fragmentadas de cor, gênero e orientação sexual, cumprindo uma função política e social despolitizante.

O duplo funcionamento das armadilhas da identidade, encontra-se no fato de não conseguirem articular objetividade e subjetividade. A devida articulação entre objetividade e subjetividade permite o reconhecimento das minorias sociais como partes da engrenagem de um sistema macro. O reconhecimento como pertencente a engrenagem social capitalista amplia as concepções em torno dos direitos, tendo como mote que não basta a luta pela ampliação dos direitos se elas não estão conectadas com o propósito da transformação social.

Almeida (2019 p. 15) reflete ainda que:

[...] Mais direitos não constitui um problema sério para o capitalismo: conceder direitos evidencia a plasticidade de um sistema que precisa ser reformável para continuar se reproduzindo. Quando o único objetivo das esquerdas é o reforço da subjetividade – especialmente de sua forma mais bem acabada, a subjetividade jurídica – as formas sociais do capitalismo (mercadoria, dinheiro, Estado) que estão conectadas com a forma jurídica serão preservadas.

Asad Haider (2019) traz uma excelente contribuição ao debate à medida que analisa, do ponto de vista do materialismo histórico-dialético, sobre a relação entre raça e classe. O autor, tendo como pano de fundo os movimentos negros nos EUA, enumera alguns aspectos da luta antirracista presentes dentro dessa relação, ressaltando que foi a partir da década de 70, em um contexto de crise econômica, desindustrialização e crescimento do desemprego que a política negra ascendeu no território norte-americano.

O autor resgata que “os políticos negros facilitaram a ofensiva dos patrões, voltando-se contra os elementos da classe trabalhadora que eram parte de sua base de apoio” (HAIDER, 2019, p. 108). Isto quer dizer que promover uma fragmentação na classe trabalhadora é salutar para os grandes capitalistas, pois o foco da disputa deixa de ser pela relação capital x trabalho e passa a girar em torno da identidade. Nesse sentido, o autor norte-americano de origem paquistanesa ressalta que a armadilha da identidade é não reconhece-la em sua materialidade. Quando os identitaristas destacam a necessidade de trabalhar a identidade deslocado das questões materiais, acabam por pender para o reforço do subjetivismo nos debates acadêmicos.

A defesa de Asad Haider (2019) conflui para o entendimento que a identidade pela identidade é um método individualista. Nele se sobressai as

[...]formas assumidas pela ideologia neoliberal, que cultua o hiperindividualismo, o empreendedorismo, as metas e que, ao mesmo tempo, justifica a destruição do valor da solidariedade e dos mecanismos estatais de proteção social. Com isso, fica aberto o espaço para o extermínio da população negra e indígena e para o encarceramento em massa como métodos de controle da pobreza. (ALMEIDA, 2019 p. 18)

Nesse sentido, o debate da identidade pela identidade muda o foco da transformação universal para uma transformação individual própria de uma práxis política ancorada no individualismo. Tais políticas estão coadunadas com uma espécie de nacionalismo cultural, nas quais reduzem as pautas coletivas de superação do racismo para uma pauta puramente individualizante. Esse afastamento da política de identidade das questões materiais é estratégico e funcional no sistema capital, porque, por não terem o horizonte da emancipação universal, leva a população negra e indígena para outras formas de relação capital x trabalho mais precarizadas, pauperizadas, dificultando ainda um processo de organização mais ampliado.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao dialogarmos sobre as principais correntes modernas da ciência, especialmente o marxismo, o pós-modernismo e a filosofia liberal, verificamos que, com exceção do marxismo, as outras correntes são funcionais ao sistema capitalista à medida que defendem uma sociedade pós-classista. O pós-classismo se apoia na diferenciação dos indivíduos por cor, etnia, nacionalidade e gênero, ignorando os fundamentos que justificam a exploração capital x trabalho. Ademais, de acordo com Carcanholo & Barreco (2009), o pós-modernismo assume uma postura de direita quando defende a ressignificação frente a supremacia do capitalismo.

A ressignificação frente ao capitalismo apoiam-se no pragmatismo e/ ou na *realpolitik* como única resposta a realidade, desta forma, assistiremos a um processo de despolarização e marginalização dos movimentos de esquerda, associado ao surgimento de uma nova direita, sustentados pelas teorias conspiracionistas e de tendências nazifascistas. Nesse sentido, consonante ao Frankel (1997), o movimento liberal avançou sobre as pautas organizativas da sociedade e corroborou para a utilização do conceito de anti-política.

Por conseguinte, o pós-modernismo se complementa a filosofia neoliberal à medida que, de um lado, há uma incorporação das pautas progressistas pela ampliação dos direitos as categorias específicas dentro do capitalismo. Esta incorporação da pauta, deslocada de uma concepção de classe, fortalece o sistema produtor de desigualdades e opressões, inviabilizando a organização da classe trabalhadora com toda sua heterogeneidade, além de não propor nenhuma política voltada para a transformação do *status quo*.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Prefácio*. In: HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo, Editora Veneta, 2019.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARCANHOLO, Marcelo Dias & BARUCO, Grasiela Cristina Cunha. **Pós-modernismo e neoliberalismo: duas facetas ideológico-políticas de uma pretensa nova era**. Lutas sociais: Revista do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas sociais (NEILS). Programa de estudos pós-graduados em ciências sociais – PUC-SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18623/13814>. Acesso em: 16/04/2021.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2011.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução: Elisabeth Barbosa, Blackwell Publicshers, Oxford, Inglaterra, 1996. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-as-ilusoes-do-pos-modernismo-terry-eagleton-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 23/01/2021.

FOER, Franklin. **O mundo que não pensa**. Editora Leya, Rio de Janeiro, 2018.

FRANKEL, Boris. **Confronting neoliberal regimes: The post-Marxist embrace of populism and realpolitik**. New Left review, november, 1997. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/286950118\\_Confronting\\_neoliberal\\_regimes\\_The\\_post-Marxist\\_embrace\\_of\\_populism\\_and\\_realpolitik](https://www.researchgate.net/publication/286950118_Confronting_neoliberal_regimes_The_post-Marxist_embrace_of_populism_and_realpolitik). Acesso em: 16/04/2021.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo, Editora Veneta, 2019.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Editora companhia das letras, São Paulo, 2003.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2º edição, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Editora Cortez, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TCHERNICHEVSKI, Nikolai. **O que fazer?!**. São Paulo: Expressão Popular, 2020

XAVIER, Antonio Roberto (org). **Pesquisas educacionais: abordagens teórico metodológicas**. Fortaleza: EdUECE, 2018.